



**Filosofia e educação:
pensando a filosofia, seus desafios e possíveis perspectivas**

Por JOSÉ APARECIDO DE OLIVEIRA LIMA
WILLIAMS NUNES DA CUNHA JUNIOR
CINDIA MARIA BRAGA ALBUQUERQUE

aparecido.filosofia@gmail.com
williamsjr_cmf@hotmail.com
cindiabraga@gmail.com

Introdução

Poderemos afirmar que a filosofia não é uma ciência, mas faz “uma reflexão crítica sobre os procedimentos e conceitos científicos” (CHAUÍ, 1999, p. 17). Bem como o faz com relação à religião, arte, psicologia, sociologia, política e história. Sendo assim, como ela desenvolve essa atividade de problematização e crítica?

As possíveis respostas para tais questionamentos podem partir do pressuposto da não aceitação das respostas prontas e tidas como verdadeiras. A filosofia pode encarar os fatos com um olhar crítico, pode procurar por meio de suas próprias investigações compreender a sociedade e as formas como ela se manifesta. Segundo Lima (2010, p. 66), “o trabalho da filosofia não consiste em trazer, necessariamente, soluções e respostas, mas em pensar o existente, a experiência individual e coletiva, a prática”. No entanto, como esse conhecimento filosófico acontece na sala de aula? Como é realizado esse processo crítico no mundo? Por que a filosofia mantém em seu ensino atual uma compreensão conteudista e europeia?

É preciso entender que vivemos num tempo onde está cada vez mais difícil a prática do docente em filosofia, mediante tanta globalização, tecnologia e inversão de valores. Nesse contexto, a leitura vem se tornando cada vez mais escassa e o aprendizado cada vez mais árduo, tanto para o docente, quanto para os alunos que vivem uma vida precarizada e hostil.

Assim, buscaremos desenvolver um pequeno recorte acerca da importância desse conhecimento filosófico na história e suas transformações; após isso, buscaremos evidenciar esse conhecimento filosófico na práxis do ensino da filosofia em meio a sala de aula com os alunos do Ensino Médio e, por fim, faremos uma crítica a atual descaracterização da filosofia





no seu ensino e por deixar de lado o cotidiano de alunos e professores inseridos num ensino e aprendizagem que tem como base, apenas, uma reflexão filosófica que não busca problematizar o contexto real de nossa vida cotidiana.

A História da Filosofia no Processo de Construção e Produção do Conhecimento.

De acordo com Evandro Ghedin (2008, p.55) “A Filosofia é a atividade teórica de reflexão e de crítica de problemas apresentados pela realidade, e esses problemas refletem necessidades e exigências de uma época e de uma realidade”. Por meio desse pensamento questionador buscam-se respostas que possam sanar necessidades e com isso possivelmente mudar o cenário de uma dada realidade.

Marilena Chauí fala sobre atitudes filosóficas, reflexões filosóficas e pensamento sistemático como formas de atuação da filosofia. A reflexão filosófica questiona “Por quê?, O quê?, Para quê?” (CHAUÍ, 1999, p. 15), esse processo se dá pelas constantes inquietações acerca de algo posto no mundo. Já o pensamento sistemático busca, por meio de enunciados racionais e bem elaborados, apresentar encadeamentos lógicos que demonstrem e provem as ideias que se acredita, não ficando apenas no senso comum. Desse modo, “a consciência filosófica procura explicar e compreender o que parece ser irracional e inquestionável” (CHAUÍ, 1999, p. 16).

É preciso entender que essas formas de como a filosofia se apresenta, pode nos levar a compreender de que forma chegamos a um esclarecimento diferente do habitual, saber o que é?, Como é? Por que é? Seria um processo constante de questionar. Ou seja, pode ser diferente?

Esse processo de entendimento levou a filosofia no percurso histórico a buscar esclarecer aquilo que estava subjacentemente, oculto. Com relação a esse processo, poderemos observar que diante dos quatro períodos da filosofia (Antiga, Média, Moderna e Contemporânea) houve uma busca constante acerca desse desvelamento, com base no contexto histórico, social e político, de cada época.





Sobre isso faremos dois recortes na história da filosofia em diferentes contextos, que a partir de uma reflexão filosófica, concepções e ideias foram instigadas no pensamento, na formação e na transformação de um povo.

Segundo Chauí (1999, p. 44), a Patrística, inserida na Idade Média (Período que envolve os séc. I ao séc. XV), esteve ligada a tarefa de evangelização, estando, portanto, em defesa da religião cristã. “para impor as ideias cristãs, os padres das igrejas as transformavam em verdades reveladas por Deus”. A patrística trazia como grande tema de discussão a “possibilidade ou impossibilidade de conciliar razão e fé” (CHAUÍ, 1999, p. 44). Alguns pensadores a julgavam irreconciliáveis, de modo que a fé seria soberana, outros, acreditavam ser possível, contudo, a razão permanecia subordinada a fé. E ainda havia os que acreditavam ser impossível a conciliação, pois cada uma teria seu papel e seu conhecimento específico e não deveriam ser misturados. Ainda neste contexto, a Filosofia Medieval tinha Platão e Aristóteles como influenciadores principais, sendo também de grande relevância a participação de Santo Agostinho e Tomás de Aquino, dentre outros pensadores. Centravam-se na relação da filosofia com a teologia. Sobre isso Lima, Melo e Menezes (2015, p.163) destacam que “a vida e o mundo eram vistos apenas com base nos princípios religiosos, onde Deus é o centro do mundo”.

Outro período importante foi a Filosofia Moderna (Período que envolve os séc. XVII ao séc. XIX). As problematizações e debates da era medieval levaram os pensadores a uma nova concepção filosófica acerca das coisas. Essa nova concepção causou três mudanças significativas: o surgimento do sujeito do conhecimento, onde “a Filosofia começa pela reflexão, isto é, pela volta do pensamento sobre si mesmo para conhecer sua capacidade de conhecer” (CHAUÍ, 1999, p. 46); o objeto do conhecimento, reconhecendo que “as coisas exteriores [...] podem ser conhecidas desde que sejam consideradas representações, ou seja, ideias ou conceitos formulados pelo sujeito do conhecimento” (CHAUÍ, 1999, p. 47); e a realidade apresentada por Galileu: “um sistema racional de mecanismos físicos, cuja estrutura profunda e invisível é matemática” (CHAUÍ, 1999, p. 47). Essa racionalidade foi aos poucos modificando os conceitos outrora defendidos pela filosofia de modo que hoje ela





passa a ser questionadora, crítica e reflexiva. Ou seja, nesse novo pensamento, Deus não seria mais o centro do conhecimento, que agora, passaria a ser o homem.

Ora, mesmo diante desses dois pequenos recortes, podemos perceber que o conhecimento filosófico foi/é importantíssimo na evolução do indivíduo. Com isso tem-se atualmente o entendimento de filosofia como expressão do pensamento humano, das confusões existenciais e do inconformismo para com os problemas sociais. Esse pensar/refletir/questionar é condição de liberdade. É por meio dessa atitude que se pretende compreender a função de cada sujeito no mundo e sua significação. Por esta razão a filosofia se apresenta como um processo de análise, reflexão e crítica. De modo que, segundo Ghedin (2008, p. 74) reflexão e crítica devem ser indissociáveis uma vez que a reflexão sem a crítica torna-se mera descrição.

Com isso pensar é condição indispensável para que o ser humano possa compreender o mundo e a si mesmo, estando constantemente em busca da verdade. Assim, a capacidade de se questionar, avaliar sua prática e repensar o seus atos são indispensáveis, de modo que “se não for possível perguntar, não será possível a reflexão e não há como construir conhecimento” (GHEDIN, 2008, p. 77).

Com relação às mudanças de concepção entre a filosofia tradicional e a moderna Ghedin destaca que houve uma transferência de foco, saindo do objeto para o sujeito ou da relação entre eles.

Na Filosofia tradicional, o processo de construção de conhecimento estava condicionado ao objeto e concentrava-se nele, de acordo com o entendimento de que o objeto possuía uma essência e dela o conhecimento resultava. Na modernidade, essa ideia foi revestida e centrada no sujeito. Até muito recentemente, o processo de conhecimento vinha sendo compreendido como resultado quase exclusivo da relação estabelecida entre sujeito e objeto (GHEDIN, 2008, p. 84).

Essas mudanças são determinantes no processo histórico, marcam períodos e vão sendo pensadas de modos diferentes, cada mudança ocorre através de um logo processo que envolve o pensar, o repensar, a dúvida e o questionamento, esse processo é comum para aqueles que não aceitam a posições estabelecidas, o que gera a reflexão crítica sobre o mundo, os sujeitos e o próprio pensamento. Diante disso, poderemos considerar verdadeira a afirmação de





Ghedin (2008, p. 86), quando destaca que o conhecimento não está apenas no sujeito ou no objeto, como também não está apenas no método ou no conceito, mas na relação desses elementos, que juntos geram a produção do saber. Assim, “a filosofia é constante processo de criação. É fundamentalmente a criação de novas interpretações e de novos significados” (idem, p.88). A filosofia precisa reelaborar suas problematizações de acordo com seus contextos históricos, sócias e políticos. A filosofia acontece no lugar e em cada tempo determinado, tendo como base investigativa, o seu redor.

O Filosofar como Práxis no Ensino da Filosofia

Sendo a filosofia um constante processo de criação e tendo em vista que criar é agir de alguma forma no mundo, torna-se necessário pensar o filosofar como uma verdadeira práxis do ensino de Filosofia.

A palavra práxis é utilizada em sentidos diversos em variadas áreas do conhecimento, como a própria filosofia e a psicologia. A palavra tem origem no grego e significa conduta ou ação. Portanto, o filosofar visto como práxis, é aquele que possibilita um agir no mundo, a partir de uma reflexão sobre esse mesmo mundo.

Para que essa práxis seja vista como crítica, Lipman (1995) aponta quatro condutas para se atingir esse fim. A primeira conduta diz respeito a crítica da prática dos colegas, a segunda diz respeito a autocrítica, a terceira à correção da prática dos outros, e por fim, a autocorreção. Para que esta práxis se concretize é necessário atentar-se para a prática do questionamento efetivo, que é aquele que gera intervenções e produz mudanças (GHEDIN, 2008).

Ora, segundo Lima (2010), a tarefa da filosofia (do filosofar) é iluminar o sentido teórico e prático daquilo que fazemos. Sendo assim, mais uma vez se reafirma aqui o filosofar como práxis, onde o questionamento encontra lugar especial. “Se não for possível perguntar, não será possível a reflexão e não há como construir o conhecimento” (GHEDIN, 2008, p. 77).

É interessante notar como teoria e prática aqui parecem constituir dois lados de um mesmo objeto, e assim deve ser, a fim de evitar toda alienação, isto é, a separação ou mesmo





hierarquização entre essas duas dimensões constituintes daquilo que chamamos aqui de práxis.

Perguntar, portanto, assume uma dimensão ontológica, uma vez que nos caracteriza como humanos. Negar a possibilidade do questionamento é uma negação ontológica, uma vez que nos desumaniza, nos retira algo tão singular de nossa existência. É preciso, portanto, que o perguntar torne-se elemento central no processo do ensino de Filosofia.

O professor de Filosofia deve entender seu lugar-docente como o espaço propício em que se gera e se produz conhecimento, isto é, aqueles conhecimentos que nascem de sua prática, os quais Tardiff (2011), chama de saberes experienciais.

Os saberes experienciais são:

conjunto de saberes atualizados, adquiridos e necessários no âmbito da prática da profissão docente e que não provêm das instituições de formação nem dos currículos. Estes saberes não se encontram sistematizados em doutrinas ou teorias. São saberes práticos (TARDIF, 2011, 48-49)

Estes saberes, por sua vez, auxiliam naquilo que chamamos aqui de práxis, fazendo com que esta seja vista como uma ação política, isto é, de transformação da realidade. É do professor de filosofia a tarefa de buscar reestruturar seu saber e seu ensino.

Uma vez que o questionamento ocupa um lugar de destaque na práxis do ensino de Filosofia, duas questões se tornam de fundamental importância. A pergunta primordial, é a de saber o que é filosofia (FAVORETTO, 2008), uma vez que é a partir desta que serão os autores, os referenciais teóricos, tornando-se, pois, uma postura filosófica (DANELON, 2010).

Por outro lado, a questão de saber se o professor de filosofia é também filósofo parece ser colocada aquele que deseja tornar o ensino de filosofia uma prática sua. Assim como afirmam alguns especialistas neste ensino, concordamos que sim, o professor de filosofia deve ser também filósofo, não sendo possível pensá-lo como outra coisa (CERLETTI, 2008). Ora, como poderia levar seus alunos a filosofar se ele mesmo não o faz?





A partir destas duas questões postas anteriormente, podemos pensar no professor de filosofia como alguém que ilumina os sentidos da prática filosófica e que, ademais, deve repensar constantemente sua prática, de forma permanente.

Portanto, é repensando sua prática, ou seja, filosofando sobre ela, que o professor de filosofia, como filósofo, pode assumir uma postura filosófica de melhoramento de seu agir docente, respondendo para si mesmo a questão do que é filosofia e escolhendo os melhores caminhos para se traçar o ensino de Filosofia. É nisso que consiste o que aqui chamamos de práxis, a qual possui o próprio filosofar como fundamento.

Um Problema Filosófico Chamado Ensino de Filosofia no Ensino Médio

Entretanto, levando em consideração os tópicos anteriores, tais como, a importância do conhecimento filosófico na formação e transformação do indivíduo e sua práxis no contexto do ensino da filosofia no ensino médio, buscaremos problematizar a realidade da filosofia e do seu ensino em meio aos tempos atuais, seus desafios e suas perspectivas.

Falar da importância do conhecimento filosófico na formação do aluno de ensino médio e enquanto um instrumento para o professor de filosofia, em nossa opinião, é lutar pela autonomia de pensamento, é lutar por uma mudança cultural de vida e, principalmente, lutar contra paradigmas que escravizam crianças, adolescentes e jovens.

“Aos poucos, ao longo de nossa infância, adolescência, juventude, vamos adquirindo entendimentos das coisas que compõem o mundo que nos cerca, das relações com as pessoas, das normas morais e sociais que regem as relações entre os seres humanos. Nós, por isso, nos acostumamos a esses entendimentos, a partir do momento em que fomos adquirindo-os espontaneamente” (LUCKESI; PASSOS, 2004).

Diante disso, é preciso que o professor se utilize do conhecimento filosófico e impulse os alunos para o debate, os embates da vida e para as confrontações de ideias.

Segundo o professor Dr. Walter Matias de Lima (2010), para fugir da apatia que envolvem professores, alunos e a educação atual, é preciso uma ruptura com o senso comum e com o dogmatismo, “[...] propiciando a abertura para o debate, a crítica, a manifestação da contradição no âmbito da relação entre o público e o privado, naquilo que é urgente para a construção da cidadania em Alagoas” (LIMA, 2010, p. 66).





Diante disso e pensando nessa ruptura, buscaremos fazer uma crítica ao ensino da filosofia nos moldes atuais. Noutras palavras, o ensino da filosofia vem abrindo mão de sua criticidade por um processo tecnicista e conteudista, tendo em vista, provas, provinhas e provões que evidenciam objetivos de preparar o aluno a reproduzir conhecimentos, sem as características primordiais da filosofia, ou seja, sua argumentação, estranhamento, debate e olhar crítico do mundo. “O conhecimento é a compreensão inteligível da realidade, que o sujeito humano adquire através de sua confrontação com essa mesma realidade” (LUCKESI, 2011, p. 154).

Diante disso, o aluno de ensino médio precisa ter a sua experiência particular com o conhecimento filosófico, buscando de forma crítica, sair do senso comum e adentrar num novo posicionamento perante a realidade social. É preciso que o aluno possa, ele mesmo, experienciar e não mais só reproduzir.

A importância de um olhar crítico do contexto que nos cerca conduz o indivíduo a busca pelo conhecimento, ao mesmo tempo em que esse mesmo indivíduo adentra no processo de estranhamento e passa a problematizar o meio em que vive e questionar a realidade que é imposta a ele.

Novas Perspectivas para o Ensino da Filosofia

O ensino da filosofia no Brasil acontece na/pela concepção Eurocentrista, ou seja, segue uma característica dogmática num contexto grego, alemão, italiano, enfim, continuamos a fazer filosofia olhando para a Europa (a chamada “filosofia ocidental”). Assim, mediante os estigmas de uma filosofia fora do nosso contexto, filosófico, social e político, ficamos de costas para o nosso continente e para nossas “outras” filosofias, tais como, a filosofia africana, oriental e, principalmente, a filosofia latino-americana.

É necessário desenvolver uma filosofia que busque problematizar o contexto real de seu povo, de suas precariedades e de suas lutas. Como foi definida anteriormente, a filosofia foi fundamental na evolução, construção e transformação do homem durante a história, levando em contas, a realidade dos indivíduos.





O filósofo nigeriano K.C. Anyanwu, no portal Global Voices (2014), busca definir a filosofia africana como “aquela que se interessa na maneira que o povo africano, do passado e do presente, entende o seu destino e o mundo no qual vive”. É preciso saber quem fala e de quem se fala.

Um problema real e instigante é perceber que mesmo fazendo fronteiras com os países da América do Sul e Central, não conhecemos quase nada ou, absolutamente, nada dos pensamentos filosóficos que envolvem o contexto latino-americano. Para o professor de filosofia latino-americana, Antônio Vidal Nunes, no Portal Ciência&Vida (2016), “Não há como fazer Filosofia sem recorrer à tradição, mas isso não justifica o esquecimento daquilo que é nosso, da realidade que nos envolve”.

É necessário superar uma ideia Européia de fazer filosofia. A filosofia precisa estar englobada no contexto histórico de um povo, de uma região e de seus contextos precarizados. Esse contexto pode envolver indivíduos que precisam vivenciar um processo de emancipação de realidades segregadoras e alienantes. Noutras palavras, o ponto chave das problematizações filosóficas podem ser instigadas nos/pelos próprios indivíduos da realidade do lugarem que estão inseridos. “O conhecimento direto da realidade decorre do esforço que o sujeito do conhecimento faz para obter um entendimento adequado da mesma” (LUCKESI, 2011, p. 158).

O conhecimento do contexto em que o indivíduo está inserido produzido de maneira crítica faz com que esse indivíduo possa perceber e conceber uma nova realidade a partir daquilo que foi imposto previamente.

Assim como afirma Lima (2010):

Pensar é criar, não unicamente refletir. É colocar a questão do sentido (da produção do sentido e o sentido da produção), não da verdade. É exercer o pensamento como atividade inventiva na ordem dos problemas, das regras e dos conceitos: o pensamento como criação. Essa é uma das possibilidades do ensino da filosofia: experimentar novas relações entre os seres, construir novas composições; o pensamento como plano de composição onde as relações e os acontecimentos se constroem e se desconstroem (LIMA. 2010, p.70).



Diante destes tempos modernos em que estamos inseridos, uma filosofia que busque problematizar os nossos contextos, a recuperação de nossos valores éticos, a compreensão acerca de uma autonomia crítica em relação à sociedade, tornam-se questões urgentes.

Considerações finais

Acreditamos que, quanto mais cedo os alunos da educação básica tiverem contato com o conhecimento filosófico, mais cedo adquirirão valores, criticidade e autonomia de pensamento, para um melhor desvelamento da vida, do contexto social e político em que estão inseridos.

Tanto os professores como os alunos precisam experienciar as vidas precarizadas em que vivem e estão imersos, principalmente, o professor, pois, um professor de filosofia que é pobre em experiências sociais, empobrece o conhecimento filosófico que pode buscar lidar com esses sujeitos sociais e seus contextos. Poder adentrar na realidade do outro (Aluno, professor, escola, bairro, sociedade...) é poder vivenciar a experiência biográfica do “outro”, que é indispensável para a emancipação do meu “eu”.

É preciso perceber a importância desse conhecimento na escola, tendo em vista sua volta aos currículos. Se foi possível essa volta, é porque pensadores da educação perceberam que a filosofia pode quebrar as correntes que envolvem jovens acorrentados em meio ao senso comum das, ‘normas existenciais’ da vida; da ideia de que “é assim que tem que ser” ou que “foi Deus que quis assim”.

É imprescindível fugir do círculo vicioso de uma filosofia conteudista e tecnicista que tem como objetivo apenas reproduzir e reproduzir. É preciso que a filosofia gaste menos tempos com as ideias e conteúdos dos filósofos e passe a demorar-se, entrelaçar-se nas necessidades e precariedades do outro que, muitas vezes, é a mesma que a minha

Pensamos que em meio às crises de identidade que envolve a filosofia, o seu ensino e a formação de professores de filosofia, “É necessário e urgente repensar a formação inicial de professores (as) em curso de licenciatura neste país”. (MATOS, 2013, p. 40).





Abrir a discussão do conhecimento para nosso contexto político, social, econômico, étnico racial, epistemológico e identitário, enfim, para nosso contexto brasileiro é de suma importância para o contínuo desenvolvimento de nossa sociedade.

Noutras palavras, é necessário perceber que a filosofia pode ser um meio para buscar/adquirir o conhecimento dando continuidade a formação e transformação do ser humano através da história. Noutras palavras, o conhecimento filosófico não pode ficar preso ao filósofo, a uma concepção, à época, a uma visão de um determinado tempo, ou a uma ideologia do professor.

Referências

CERLETTI, Alejandro A. “Ensinar Filosofia: da pergunta filosófica à proposta metodológica”. In: KOHAN, Walter O. (org.). **Filosofia: caminhos para seu ensino**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1999.

DANELON, Márcio. “Em torno da especificidade da filosofia: uma leitura das Orientações Curriculares Nacionais de filosofia para o Ensino Médio”. In: CORNELLI, Gabriele; CARVALHO, Marcelo; DANELON, Márcio (orgs.). **Filosofia: ensino médio**. (Col. Explorando o Ensino; v. 14). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

FAVORETTO, Celso. “Filosofia, ensino e cultura”. In: KOHAN, Walter O. (org.). **Filosofia: caminhos para seu ensino**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

GHEDIN, Evandro. **Ensino de filosofia no Ensino Médio**. Cortez. São Paulo, 2008. (coleção Docência em Formação. Série Ensino Médio).

LIMA, José A. de O.; MELO, Elizabete A. de A.; MENEZES, Anderson de A. A necessidade do conhecimento filosófico para a formação humana. **Revista Contemporânea**, 2015 (12), p.154-171.

LIMA, Walter Matias. O Ensino de Filosofia no Ensino Médio: Problematizando a cidadania e a formação docente. In: **Revista Debates em Educação**. Vol. 2, nº 4. Maceió, 2010. ISSN 2175-6600. Disponível em: <<<http://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/562/295>>>. Acessado em: 01 de agosto de 2016. p. 66–77





LUCKESI, Cipriano. PASSOS, Elizete. **Introdução à Filosofia: aprendendo a pensar**. São Paulo: Cortez, 2004.

LUCKESI, Cipriano. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 2011.

MATOS, Junot. **A formação pedagógica dos professores de Filosofia: Um debate, muitas vozes**. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

NUNES, Antônio. A Filosofia na América Latina: uma leitura do seu desenvolvimento. **Portal Ciência & Vida**. 2016. Disponível em: <<<http://portalcienciaevida.uol.com.br/esfi/Edicoes/33/imprime130277.asp>>>. Acessado em: 01 de agosto de 2016.

RAKOTOMALALA, Lova. Cinco pensadores modernos africanos que tratam de identidade, língua e regionalismo. Trud.Elizabeth Athayde Barrett. **Portal Global Voices**. 2014. Disponível em: <<<https://pt.globalvoices.org/2014/08/22/pensadores-modernos-africanos-identidade-lingua-regionalismo/>>>. Acessado em: 01 de agosto de 2016.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e a formação profissional**. 12ed. Petrópolis: Vozes: 2011.

